



## MEDIAÇÃO DE LEITURA E BIBLIOTERAPIA EM COMUNIDADES DE INFORMAÇÃO

Katiane Crescente Lourenço  
Mestre em Letras (PUCRS); bibliotecária

### 1 INTRODUÇÃO

“Quem gosta de ouvir histórias?” – espero que todos vocês gostem, porque eu adoro contar histórias! É com essa pergunta que inicio as contações de histórias que realizo. Como não posso ouvir a resposta de vocês, completei a frase, esperando que todos estimem esse momento. É fundamental saber apreciar uma história, saber ouvi-la, bem como gostar de ler, porque para que possamos formar leitores ou ter a pretensão de organizar projetos de mediação de leitura em uma comunidade, é preciso ser leitor e ter um conhecimento variado de histórias, poemas e demais tipos de textos, para que, então, seja possível apresentar as obras que nos emocionaram, que nos encantaram.

Candido (2004) afirma que todos precisam de literatura. E para entender literatura é preciso ler literatura, é preciso conhecer literatura. E para que isso ocorra é preciso que seja possibilitado a todos o contato com a literatura. Tal ideia é reforçada por Llosa (2005, p. 378), quando afirma que a literatura é

[...] uma atividade insubstituível para a formação do cidadão numa sociedade moderna e democrática, de indivíduos livres, e que, por isso mesmo, deveria ser inculcada nas famílias desde a infância e fazer parte de todos os programas de educação como uma disciplina básica.

Portanto, pela literatura conseguimos ampliar o pensamento das pessoas; e, como o próprio Candido (2004) nos diz, é preciso que todos tenham o direito de

conhecer obras literárias de qualidade, pois não podemos privar as pessoas disso, visto que precisamos da “fabulação” em nossas vidas. Com base nisso, Machado<sup>1</sup> (2007, p. 41) afirma que a leitura literária tem

[...] um papel fundamental pra garantir a saúde emocional de cada um. Todos temos direito à literatura, portanto. Não apenas porque uma sociedade precisa ter pessoas educadas para que progrida e cresça. Não é apenas uma questão de educação. É uma questão de saúde básica. Sem a literatura, caminhamos para uma sociedade doente.

Diante disso, este texto destaca a importância de cada um se reconhecer enquanto leitor, por meio das suas práticas literárias pessoais, pois essas experiências com a leitura são fundamentais para se pensar em planejamento de projetos de leitura. Em seguida, traz uma reflexão sobre a mediação de leitura e suas possibilidades, demonstrando o quanto é preciso ser leitor para que se possa formar leitores. Por fim, apresenta a importância da biblioterapia, que se refere a terapia por livros, ampliando nosso conhecimento sobre seus benefícios e reafirmando o poder da literatura em nossas vidas. Portanto, entende-se que é preciso apresentar a leitura como um valor simbólico fundamental para a vida das pessoas, tornando-a significativa nos ambientes de saúde, por meio de projetos de mediação de leitura.

## 2 PRÁTICAS DE LEITURA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Para pensar na mediação de leitura, temos que pensar o quanto o ato de ler é fundamental na vida das pessoas; estamos a todo o momento lendo, seja um texto, uma imagem, pois a leitura sempre se faz presente. Conforme Paulo Freire (2006, p. 11), o processo do ato de ler “[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo [...]”, que implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Assim, ele afirma que “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele [...]”. Com base nisso, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de posicionar-se criticamente diante da sociedade.

---

<sup>1</sup> Palestra apresentada no I Encontro Saúde e Leitura, UFRJ, Rio de Janeiro, outubro de 2004.

Para realizar uma ação de mediação de leitura, é preciso conhecer o seu público, as suas preferências literárias, pois, para transmitir o gosto pela leitura, é preciso ser leitor e sentir prazer no ato de ler, pois só alguém que é leitor pode formar leitores, ou seja, é só por meio do exemplo que o público se sentirá motivado para a leitura. Nesse sentido, entende-se a importância do papel do mediador no incentivo e no acesso à leitura para a comunidade à qual a unidade de saúde pertence.

Sob essa ótica, é necessário, para quem lê, ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal e, assim, questionar o seu conhecimento e modificá-lo, permitindo transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. Nesse sentido, cabe a esse leitor formar a sua autoimagem de leitor, aprendendo a escolher os livros que deseja ler, criando expectativas, abandonando um livro que decepciona ou arriscando-se ao selecionar aquela obra que lhe pareceu interessante. Nas palavras de Aguiar (1999, p. 254):

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivemos uma outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. Essa consciência do brinquedo que a arte é leva-nos a experimentar o prazer de entrar em seu jogo.

Com base nisso, ao eleger um livro, o leitor exige um certo tipo de mensagem, ele presume de antemão o seu conteúdo e espera obter algo de seu uso, como diversão, informação, enriquecimento espiritual, confirmação de suas ideias. Assim, a leitura não é uma operação mecânica, pois o leitor projeta sua experiência pessoal sobre a obra e assim dá um sentido novo ao conteúdo que ela quer transmitir. Isso pode ser comprovado com a afirmativa de Diana Werkmeister (1993, p. 59), que salienta que “[...] a experiência de ‘viver’ uma vida emprestada durante a leitura modifica a nossa própria experiência de vida. O leitor ‘doa’ às personagens durante a leitura a sua própria humanidade e imerge em um mundo do qual voltará modificado [...]”. Em razão disso, as práticas de leitura pessoais fazem com que possamos viver

experiências novas e significativas, enriquecendo a nossa própria história e ampliando o nosso conhecimento.

Vale destacar que ler bons livros é indispensável, pois, conforme Llosa (2005, p. 380), “[...] ler boa literatura é se divertir, sim; porém, também, aprender dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida através da obra de ficção, o que e como somos em nossa integridade humana [...]”, por isso uma obra literária pode retratar situações que já vivemos ou nos fazer refletir sobre tais situações.

Portanto, espera-se que o leitor formado seja crítico, consciente e criativo, que não se ajuste inocentemente à realidade que está aí, mas que, por meio de suas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social. Com isso, entende-se que a questão da mediação é fundamental em relação à promoção da leitura, pois, para oferecer obras de qualidade, é preciso as ter experimentado, ou seja, para transmitir o amor pela leitura e, principalmente, pela leitura literária, é preciso conhecê-la. (PETIT, 2001).

### **3 A MEDIAÇÃO DE LEITURA E SUAS POSSIBILIDADES**

A palavra mediar vem do latim *mediare* e significa “estar no meio de”. Com base nisso, a mediação de leitura diz respeito ao encontro entre o leitor e o livro, com a mediação de outro. Porém, esse encontro é único, conforme afirmam Moro e Estabel (2012, p. 60), pois “[...] a leitura possibilita a descoberta de um novo mundo, navegar por lugares nunca imaginados e a interação do eu com o texto lido é única, pois cada pessoa percebe este texto de uma forma”. Nesse sentido, a mediação é uma possibilidade de as pessoas encontrarem textos que sejam significativos para elas e, assim, tornarem-se leitores cada vez mais competentes, que busquem, com ou sem a ajuda de um mediador, as obras que mais lhe interessem.

E, para que todos tenham acesso à leitura, os espaços de mediação precisam ir além da casa, da escola e da biblioteca, podendo ocorrer em hospitais, lares de idosos, associações comunitárias, igrejas, presídios, ou seja, em todo e qualquer espaço em que se organizem projetos de leitura para a comunidade. De acordo com Castrillón (2011, p. 64), os projetos de leitura precisam “[...] demonstrar que a leitura não é um adorno nem um passatempo e que seu valor não está em oferecer apenas

alguns momentos prazerosos, mas sim que a leitura é um instrumento extremamente útil na transformação e organização de suas vidas”.

Com base nisso, o mediador de leitura precisa ter consciência da importância do seu papel, pois para qualquer pessoa (criança, jovem, adulto, idoso) se interessar por uma determinada leitura, o mediador precisa incentivá-la, mas, para isso, ele precisa ser um leitor, ele precisa saber qual o objetivo pretendido, para que, então, possa apresentar obras que sejam significativas para o público a que se destina, demonstrando que conhece um variado repertório de textos. Nas palavras de Machado (2001, p. 149):

Além de exemplo, há outro motivo poderoso para fazer alguém ler: a curiosidade. Ninguém resiste à tentação de saber o que se esconde dentro de algo fechado – seja a sabedoria do bem e do mal no fruto proibido, seja a caixa de Pandora, seja o quarto do Barba Azul. Mas, para isso, é preciso saber que existe algo lá dentro. Se ninguém jamais comenta sobre as maravilhas encerradas, a possível abertura deixa de ser uma porta ou uma tampa e o possível tesouro fica sendo apenas um bloco compacto ou uma barreira intransponível.

Com base nisso, Martha e Neves (2012, p. 150) destacam que o mediador exerce uma função-chave, pois precisa ter conhecimento sobre a variedade de obras disponíveis e conhecer os interesses de leitura dos leitores que pretende formar, “[...] especialmente quando estes vêm de ambientes que não propiciam o ato de ler, ou quando são iniciantes no processo de leitura e escrita, caso dos *neoleitores*, oriundos das camadas mais populares da sociedade [...]”, e que, muitas vezes, tiveram dificuldades para vencer, no período regular, as etapas da escolarização.

Em outras palavras, Petit (2001) também destaca o papel essencial que desempenha o mediador de leitura, pois cabe a ele aproximar o público dos livros, recomendando-os e, assim, iniciando esse encontro, pois o papel do mediador é incentivar o desejo de ler. Em razão disso, é fundamental que haja uma interação afetiva entre o mediador e o seu público, para o desenvolvimento de uma relação positiva com a leitura. Tal ideia reforça que

[...] a mediação de leitura, em si, deve ser uma atividade prazerosa e benéfica, tanto para o mediador quanto para o seu público. Para tal, é necessário que haja coerência entre o(s) texto(s) selecionado(s),

sugerido(s) e disponibilizado(s) aos leitores; as preferências do público leitor; e o conhecimento e envolvimento afetivo do mediador com este texto, a fim de que a atividade se converta em estímulo à leitura individual e coletiva. (MARTHA; NEVES, 2012, p. 149).

Nesse sentido, vale salientar que muitas são as possibilidades para que a leitura literária esteja presente em ações ligadas à saúde, pois essa parceria é fundamental para auxiliar na recuperação de pacientes. Merecem destaque as seguintes ações: projetos de contações de histórias em hospitais, em lares de idosos, em presídios, em centros de reabilitação; rodas de leitura; clubes de leitura; apresentações teatrais; enfim, muitas são as iniciativas que já acontecem. Para exemplificar, gostaria de ressaltar o projeto Doutores da Alegria<sup>2</sup>, considerado uma das mediações mais famosas, sendo conhecido e aplicado em vários países; algumas vezes, apresenta-se com outras nomenclaturas, mas todas com a mesma proposta, que são as visitas de voluntários em hospitais para levar histórias, músicas, humor, ou seja, levar a arte para as crianças enfermas e seus familiares.

Portanto, a mediação de leitura possibilita aos seus participantes “[...] a reflexão sobre situações e conflitos vivenciados [...]”, permitindo aos leitores “[...] a percepção de que os problemas existem, mas possuem alternativas de solução [...]”, proporcionando alívio através da catarse, com atividades de lazer, de ludismo e de recreação, as quais promovem a interação social. (MORO; ESTABEL, 2012, p. 59). Nesse sentido, verifica-se a importância da leitura como um trabalho terapêutico, influenciando no bem-estar e na saúde das pessoas.

#### **4 OS BENEFÍCIOS DA BIBLIOTERAPIA**

“Nossos remédios não são algo que você vai encontrar na farmácia, e sim na livraria, na biblioteca, ou poderá baixá-los em seu dispositivo eletrônico de leitura” (BERTHOUD; ELDERKIN, 2018, p. 9). É isso mesmo que vocês estão pensando: os remédios são os livros. Essa é a biblioterapia, que se refere à cura por meio da leitura de obras de ficção.

---

<sup>2</sup> Segue o *link* de um vídeo que apresenta um documentário, com vários episódios, sobre o trabalho em prol da saúde desenvolvido pelos “Doutores da Alegria”: <https://www.youtube.com/watch?v=QbRPAhqWeto>. Acesso em: 05 out. 2021.

A palavra biblioterapia é “[...] originada de dois termos gregos: *biblion* – livro, e *therapeia* – tratamento” (CALDIN, 2001, p. 33), por isso se refere a uma terapia por meio de livros. Conforme Caldin (2001, p. 37-38), “[...] ao focar a leitura como função terapêutica, defende-se a ideia de terapia por meio de textos literários. Muito embora a palavra *terapia*, em termos restritivos, possua um sentido curativo, na realidade envolve muito mais do que cura – implica uma atitude preventiva”. Com base nisso, espera-se que a biblioterapia desperte, por meio da leitura de textos literários, a catarse, “[...] que pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções [...]”.

Ferreira (2003, p.38) nos apresenta os três tipos de biblioterapia, com base na obra de Marcinko<sup>3</sup>, que são: a clínica, a institucional e a de desenvolvimento pessoal.

- A biblioterapia clínica destina-se às pessoas com problemas de comportamento social, emocional e moral; é mais voltada para instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental. O seu objetivo “[...] é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamento, com a solução ou melhora do problema de comportamento apresentado”.
- A biblioterapia institucional relaciona-se a um tipo de auxílio aplicado a um grupo ou individualmente e prestado por uma instituição, com enfoque nos aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento e desenvolvimento pessoal. Tem como objetivo prestar informação e esclarecer o problema, ajudando o usuário na tomada de decisão e reorientação de seu comportamento.
- A biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é referida como apoio literário personalizado para as pessoas que procuraram a ajuda, e pode ser individual ou grupal; é indicada para instituições educacionais, com o foco em crianças e adolescentes, mas também pode ser usada junto a adultos e idosos. Ocorre a leitura e a reflexão sobre o que foi lido, de forma livre, para que todos possam expressar seus sentimentos.

É importante ressaltar que nos três tipos de biblioterapia apresentados os especialistas envolvidos são bibliotecários, psicólogos, profissionais da saúde e da

---

<sup>3</sup> MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. **Current studies in Librarianship**, v.13, n.1/2, Spring/Fall 1989, p.1-5.

educação, pois é fundamental que as obras escolhidas sejam feitas por essa equipe, por meio de um programa de atividades de leitura que seja planejado e conduzido de forma orientada.

A biblioterapia necessita ser realizada por meio de uma abordagem afetiva, por isso o mediador, como já foi referido, precisa ter um repertório de leitura e ser um leitor que apresente o livro como algo significativo aos participantes. Para que a leitura se efetive, é preciso que haja o encontro entre o leitor e o livro, ou seja, é preciso que haja empatia, por isso a escolha das obras é fundamental para o sucesso da biblioterapia. Nas palavras de Machado (2007, p. 30):

Todo mundo sabe que a vida é muito frágil, uma chama tênue. Sujeita a ser apagada por qualquer brisa que sopra de mau jeito. Qualquer acidente ou doença nos lembra disso. Mas seria insuportável viver o tempo todo com a nítida lembrança dessa consciência. Então, embora sabendo, nos distraímos com outras coisas e vivemos a vida com prazer, aproveitando seus momentos variados, fabricando lembranças, sonhando possibilidades boas.

Tal ideia reforça a importância da arte nas nossas vidas, pois precisamos da “fabulação”. Muitas vezes é nos momentos de dor, que pode ser do corpo ou da mente, que precisamos de uma palavra, de um texto, para que possamos nos encantar ou nos identificar com o que a obra de ficção nos apresenta, porque, segundo Machado (2007, p. 31), o convívio da arte ao longo da vida contribui para a nossa saúde, porque “[...] a arte está sempre nos oferecendo inesperadas possibilidades, potenciais saídas surpreendentes e alternativas para os labirintos em que nos encerramos [...]”, por isso precisamos que ela se faça presente em nossas vidas.

Com base nessa reflexão sobre a biblioterapia, destacam-se alguns exemplos de unidades de saúde que já a utilizam ou utilizaram, como: o estudo biblioterapêutico com pacientes entre 18 a 50 anos, de autoria de Eva Maria Seitz<sup>4</sup>, realizado no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (SC); o estudo de biblioterapia com crianças portadoras de câncer, de autoria de Maria Bernardino,

---

<sup>4</sup> SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 11, n. 1, p. 155-170, jan./jul. 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/452/568>>. Acesso em: 08 maio 2020.

Arilucci Elliott e Modesto Neto<sup>5</sup>, realizado no Hospital Municipal Infantil Maria Amélia Bezerra de Menezes (Juazeiro do Norte – CE); o estudo da biblioterapia para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos da Rede Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (RJ), de autoria de Gizele Ribeiro<sup>6</sup>.

A partir desses exemplos, que podem ser melhor conhecidos nos *links* disponíveis, e de vários outros que acontecem em nosso país, pode-se verificar que a biblioterapia precisa se fazer presente, conforme as palavras de Berthoud e Elderkin (2018, p. 9), porque “[...] às vezes é a história que encanta; em outras é o ritmo da prosa que funciona sobre a psique, acalmando ou estimulando. Às vezes, é uma ideia ou uma atitude sugerida por um personagem em dificuldade ou dilema semelhante. [...]”, ou seja, cada pessoa vai vivendo a sua experiência pessoal durante a leitura, por isso a importância e o poder da literatura que, muitas vezes, pode modificar a maneira por meio da qual encaramos a vida, nos deixando mais otimistas ou nos consolando, mas uma coisa é certa, saímos modificados de uma leitura, enxergando com outros olhos os percalços e desafios da nossa vida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para formar leitores é preciso ser leitor. É com essa frase que gostaria de finalizar esse texto, lembrando o papel fundamental do mediador de leitura no desenvolvimento de projetos que envolvam a leitura literária em ambientes da saúde, pois quem estiver à frente desses projetos precisa conhecer obras literárias para sugerir, discutir, dialogar, receitar, enfim, precisa gostar de literatura.

Para retomar nossa conversa, Machado (2001, p. 137) afirma que a leitura é um direito básico e fundamental, sendo que a cada um de nós deve ser dado o direito de conhecer as grandes obras literárias do patrimônio universal, pois:

Ler literatura é uma forma de acesso a esse patrimônio, confirma que está sendo reconhecido e respeitado o direito de cada cidadão a essa

<sup>5</sup> BERNARDINO, Maria C. R.; ELLIOTT, Ariluci G; NETO, Modesto L. R. Biblioterapia com crianças com câncer. **Informação & Informação**. Londrina, v. 17, n. 3, p. 198-210, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10992>. Acesso em: 08 maio 2020.

<sup>6</sup> RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jul. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2048>. Acesso em: 08 maio 2020.

herança, atesta que não estamos nos deixando roubar. E nos insere numa família de leitores, com quem podemos trocar ideias e experiências e nos projetar para o futuro. Aceitar que numa sociedade podemos ter gente que nunca vai ter a menor oportunidade de ter acesso a uma leitura literária é uma forma perversa de compactuarmos com a exclusão. Não combina com quem pretende ser democrático.

Essa ideia reforça a relevância da literatura em nossas vidas, pois é na leitura ou na releitura de obras literárias que podemos viajar para outros lugares, vivenciar emoções de personagens e nos propiciar entender melhor o sentido de nossas próprias experiências.

Portanto, é preciso que cada vez mais as pessoas que estão em unidades de saúde, devido a uma enfermidade ou acompanhando familiares, tenham momentos de interação com o livro, por meio de ações que envolvam a mediação de leitura, com contações de histórias, rodas de leitura, entre outras; e a biblioterapia, na qual a escolha das obras tem uma finalidade específica. Assim, convido a todos a lerem muito e sempre, pois a leitura não tem contraindicação, pois ela nos inspira, nos edifica e nos beneficiará sempre.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura Literária na Escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. **Escolarização da Leitura Literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 235-255.

BERTHOUD, Ella; ELDERKIN, Susan. **Farmácia Literária: mais de 400 livros para curar males diversos, de depressão e dor de cabeça partido**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Verus, 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A Leitura como Função Terapêutica. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 6, n. 12, p. 32-44, Florianópolis, Brasil, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 04 maio 2020.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. São Paulo: Rio de Janeiro, 2004. P. 169-191.

CASTRILLÓN, Silvia. **O Direito de Ler e de Escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 4. n. 2, p. 35-47, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 05 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

LLOSA, Mario Vargas. A Literatura e a Vida. In: \_\_\_\_\_. **A Verdade das Mentiras**. São Paulo: Arx, 2005. P. 377-395.

MACHADO, Ana Maria. **Balaio**: livros e leitura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas**: sobre leitura e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTHA, Alice Áurea Penteado; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Itinerário e Experimentação de Práticas de Leituras: propostas de intervenção pedagógica: metodologia, públicos e espaços de leitura. In: NEVES; Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. P. 139-157.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Bibliodiversidade. In: NEVES; Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. P. 41-63.

PETIT, Michèle. **Lecturas**: del espacio íntimo al espacio público. Tradução de Miguel Paleo et al. México: FCE, 2001.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação Cultural e Apropriação da Informação em Bibliotecas Públicas. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43>. Acesso em: 02 abr. 2020.

WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. **A Formação do Leitor de Literatura**: histórias de leitores. 1993. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

